

Coleção Divulgação – INCENTIVO À LEITURA – DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Biblioteca do Cidadão

LIVRO NA RUA

Série  
Escritores Brasileiros  
Contemporâneos

(N.º 27)

WALDEMAR LOPES

SONETOS

Thesaurus  
Editora

## O Organizador

**Anderson Braga Horta**, nascido em Carangola, MG, em 17.11.1934, é poeta, contista e crítico literário. Publicou *O Horizonte e as Setas* (contos, em colaboração, pela Horizonte, em 1967) e os seguintes livros de poesia: *Altiplano e Outros Poemas* (Ebrasa, Brasília, 1971), *Marvário* (Clube de Poesia de Brasília, 1976), *Incomunicação* (Comunicação, Belo Horizonte, 1977), *Exercícios de Homem* (Comitê de Imprensa do Senado, 1978), *Cronoscópio* (Civilização Brasileira, Rio, 1983), *O Cordeiro e a Nuvem* (Thesaurus, 1984), *O Pássaro no Aquário* (André Quicé, Brasília, 1990), *Dos Sonetos na Corda de Sol* (Guararapes, 1999), *Pulso* (Barcarola, S. Paulo, 2000), *Quarteto Arcaico* (Guararapes, Jabotão, 2000), *Fragmentos da Paixão* (Massao Ohno, S. Paulo, 2000), *Antologia Pessoal* (Thesaurus, 2001), *50 Poemas Escolhidos pelo Autor* (Galo Branco, Rio, 2003). Publicou ainda, por esta Editora, com apoio do FAC, *A Aventura Espiritual de Álvares de Azevedo: Estudo e Antologia* (2002), *Sob o Signo da Poesia: Literatura em Brasília* (2003), *Traduzir Poesia* (2004) e *Testemunho & Participação: Ensaio e Crítica Literária* (2005).

## NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

WALDEMAR Freire LOPES nasceu em Peri-Peri, então Município de Quipapá, mas hoje integrante do Município de S. Benedito do Sul, PE, em 1.º de fevereiro de 1911. Jornalista, ocupou cargos de relevo na administração pública e dirigiu o Escritório da Organização dos Estados Americanos no Brasil – para lembrar apenas alguns pontos de uma carreira múltipla e fecunda. É titular de diversas entidades literárias, como a Academia Brasileira de Letras, o PEN Clube e a Associação Nacional de Escritores. Em Brasília, presidiu o Clube de Poesia. Foi um dos fundadores e orientadores literários da *Revista de Poesia e Crítica*. A Academia Pernambucana de Letras sagrou 2006 como Ano de Waldemar Lopes.

Manuel Bandeira o incluiu, com altos elogios à sua poesia, então quase inteiramente inédita, na 2.ª ed. de sua *Antologia de Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos* (1965). Até então, só havia publicado um livro, *Legenda* (precocemente, em 1929), e participado em duas coletâneas de poetas pernambucanos.

A partir de 1971, ganhou ânimo editorial, com os *Sonetos do Tempo Perdido*, Prêmio PEN Clube do Brasil. E vieram, entre outros: *Inventário do Tempo* (Rio de Janeiro, 1974), *Os Pássaros da Noite* (Rio, 1974; Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal), *Sonetos da Despedida* (Brasília, 1976), *Sonetos do Natal* (Rio, 1977), *Memória do Tempo* (Rio, 1981), *Sonetos de Portugal* (1.ª ed. Teresópolis, 1984), *Cinza de Estrelas* (Recife, 2003). É considerado um dos maiores sonetistas brasileiros.

Faleceu em Recife, em 21 de outubro de 2006.

### SONETO DA ESPERANÇA

Tempo de azul e não. Desencantado  
reino do que não foi, mundo postiço,  
ontem feito de agora, hoje passado:  
na essência do não-ser o instante omisso.

(Margaridas da tarde, onde o seu viço?  
Choro de água nos ares, lento e alado  
caminho cor de sonhos? Insubmisso  
mar sem datas, desfeito e recriado?)

Suaves rechãs por onde a mão do vento  
esculpia no verde a sombra exata  
e as imagens que o olhar já não alcança.

Aventuras tão-só do pensamento:  
arco de azul, a tarde era a fragata  
supérflua, para o exílio da esperança.)

### SONETO DAS NUVENS E DA BRISA

Os pássaros nostálgicos... Errantes  
mágicos do crepúsculo, soprando  
das longas asas trêmulas o brando  
vento da tarde; e logo, em céus cambiantes,

alvos blocos de pluma vão distantes  
e efêmeras imagens modelando:  
sereias e hipocampos, entre o bando  
de carneiros, e rosas, e elefantes,

cães e estrelas, dragões, ou aguçadas  
torres, na superfície roseoviva  
por onde voga, acesa, a caravela

e as longas asas captam, retesadas,  
a poesia da tarde, fugitiva,  
mas eterna no instante em que foi bela.

### SONETO DOS VAGA-LUMES

Era o impúbere céu, era a anteaurota  
translúcida. Na meia-luz contida  
de súbito se abria, aura sonora,  
a flor do canto, logo emurchecida.

Mas no chão da memória surge agora,  
de matérias do tempo concebida,  
visão morta da noite feita aurora  
(e uma vida fundida noutra vida).

Chispas de azul verdefosforescendo  
trazem à solidão da terra acesa  
o secreto esplendor da alma apagada.

Ritmo de lume e cor, nascem morrendo,  
enquanto cresce –tensa de beleza,  
madura de silêncio – a madrugada.

#### SONETO DA CASA MORTA

Rubra, a data sangrando no vazio  
da casa morta, sonho prisioneiro,  
e eco do tempo longe o vozerio  
das cirandas em flor, quando o primeiro

sangue do luar cavava o seu macio  
poço. (Depois, o triste companheiro  
das sombras ia amar a noite e o rio,  
e a leve brisa abria no canteiro

papoulas encarnadas.) As perdidas  
bandeiras refluindo naus de ausência  
nessas rotas de cinza consumidas.

Na casa morta, vozes não ouvidas:  
luz do silêncio, música da essência  
de coisas mais sonhadas que vividas.

#### SONETO DA INSÔNIA

Na emanação da noite o leve peso  
das sombras ancestrais. Vozes tardias  
em vago marulhar, talvez desprezo  
às turvas ambições, seiva dos dias.

E sobre o ser profundo, vivo-aceso,  
o lume das vigílias. (Nas sombrias  
urnas do tempo há de ficar defeso  
o enigma das mortais mitologias

imunes à esperança.) Agora é essa  
onipresença onírica, ou apenas  
a ácida indiferença à vã promessa:

em seu ambíguo reino indefinido  
a consciência noturna sofre as penas  
da vida, o rude esforço sem sentido.

#### SONETO DO EXÍLIO

Mais além, leve e alada, a imaginária  
arquitetura irreal, sombra a crescer  
sobre a terra dos mortos, solitária.  
Na falsa noite não deixou de ser

ouvida a melodia perdulária.  
Se acaso o húmus da vida fez nascer  
luz esquiva na angústia milenária,  
é chegado o momento de esquecer

as obscuras heranças desvivas  
por desamor e amor: frágil reinado  
em manhãs de magia, pressentidas

além de tempo e espaço. (E, roto o manto,  
na torre enoitecida um exilado  
rei de si mesmo. Que lhe resta? O canto.)

(De *Sonetos do Tempo Perdido*.)

#### SONETO DE JANEIRO

Os cânticos, as vozes, a memória  
do futuro. No efêmero da aliança  
entre o amanhã e o agora se relança a  
frágil rede de equívocos. A glória,

o amor, o tédio, a ira, a insegurança:  
ó matéria do ser, breve e incorpórea!  
Nas almas fustigadas de esperança  
a atônita alegria, transitória

dádiva do mistério: ínfimo instante =  
sopro de eternidade no ar perplexo.  
Sobre os doze degraus do calendário

urde-se a trama: côncavo/convexo  
é o caminho de espelhos, posto diante  
do homem, para o imprevisto itinerário.

#### SONETO DOS SÍMBOLOS EFÊMEROS

Os símbolos efêmeros: memento  
da vida breve: música secreta  
– do tempo, a se esvaír na asa do vento,  
– do sonho, a esmaecer a chama inquieta.

Cresça no céu de pedra o véu nevoento;  
junto às nuvens se perca a doida seta  
rumo ao não e ao talvez: o sentimento  
atrele-se a uma estrela, e essa incompleta

visão apaziguante é misteriosa  
luz transcendência: rútila persiste,  
seiva do ser, essência poderosa,

pois se foi dito o quanto a carne é triste,  
arde em perfume o espírito da rosa  
e é mais belo o que só no sonho existe.

### SONETO DA CONTEMPLAÇÃO

Claro espasmo de ritmos e de cores.  
Branco esplendor da força, desatada  
nos cânticos, nos prantos, nos clamores  
da imensa arquitetura instável. Cada

síntese dos abismos são rumores  
de líquido tropel. Desordenada,  
a memória das águas: estertores  
escachoantes na terra violentada.

A consciência do ser tímida e atônita  
no pânico suicida, pobre presa  
de íntima pequenez, mágoa recôndita.

De súbito, a emoção do êxtase alado:  
paira/pairando, a límpida beleza  
do vôo azul de um pássaro calado.

### SONETO DAS IMAGENS INTERIORES

Mistério das imagens interiores.  
Imersas nestes mares de abandono  
as sementes de fogo geram flores:  
rosas de pó nas lâminas do outono.

Transfigurada, a fria luz de sono  
vela de cinza a face dos pastores,  
e os súditos do tempo, e os reis sem trono,  
sob o mudo legado de outras dores.

Na áspera latitude um rio corre  
branco de eternidade. As nebulosas  
vão-se formando, enquanto o sonho morre.

Há pássaros absortos na obcecada  
cisma da solidão; e mãos ansiosas  
abrem portas de sombra para o nada.

### SONETO DA NOITE BRANCA

No insólito do azul é melodia  
a paz dos claros céus. Lua madura  
modela imagens sobre a serrania,  
e flui o tempo em lírica doçura

nas almas e nos sonhos. Noite pura  
de silêncio esplendor, magma do dia.  
(Antes que no torpor da angústia escura  
brilhe a estrela da morte em frente fria,

o tumulto das ânsias se asserena  
e o coração aquieta a face nua,  
pois, se pensa, também está sentindo;

é que não há, Pessoa, alma pequena  
sob a noite solar: carne de lua  
transluminosamente azuluzindo.)

(De *Pássaros da Noite*.)

#### FLOR DE CIMENTO E SOL

Sobre o vazio imenso a flâmula da Idéia  
fulgia, estrela ideal, na amplidão do Planalto.  
Ao mundo mineral, em sopro de epopéia,  
tinham cortado, outrora, o pasmo e o sobressalto

das Bandeiras viris. Cantava no mais alto  
dos verdes buritis a mansa melopéia  
da brisa. Mas um dia a afanosa colméia  
de candangos por fim daria o grande salto

na seqüência do tempo; e à cobiça forânea  
– flor de cimento e sol, ou mais: contemporânea  
do futuro – se opôs a Cidade sonhada

como Lúcio a compôs e a previra o profeta:  
destino e doação, sonho tornado meta,  
luz-síntese a indicar o rumo da escalada.

(De *Sonetos da Despedida*.)